

XVII ENCONTRO NACIONAL DE SIOT

Emprego, Desenvolvimento e Coesão Social: Que perspetivas para a regulação económica e social?

23 e 24 de Novembro 2017 :: Escola Superior de Ciências Empresariais-Instituto Politécnico de Setúbal
Tema 3) Dinâmicas do mercado de trabalho e políticas públicas de educação, formação e emprego

Jovens Empreendedores: uma abordagem sociológica a partir do programa

Erasmus

Cristina Teixeira

ana_cristina_teixeira@hotmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Cristina Parente

cparente@letras.up.pt

Departamento de Sociologia e Instituto de Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

A reflexão que propomos resulta de um estudo sobre os jovens empreendedores portugueses que participaram no programa Erasmus para Jovens Empreendedores (EJE), lançado em 2008 pela Comissão Europeia EJE, que visa promover o espírito empresarial na Europa e apoiar novas empresas em fases cruciais do seu nascimento e crescimento. Destina-se a empreendedores de micro, pequenas e médias empresas, as quais são tidas como fatores-chave na prossecução dos objetivos da estratégia Europa 2020, dado o seu dinamismo na criação de emprego, porém afetado, entre outros aspetos, por uma exploração limitada de oportunidades internacionais.

O estudo visou perceber através de uma metodologia quantitativa, muito apoiada em análise documental de fontes secundárias e em entrevistas semiestruturadas, as motivações e as expectativas dos novos empreendedores portugueses que participaram neste programa, bem como os benefícios identificados e a satisfação com o mesmo.

Os resultados apurados mostram que apesar das taxas de execução em Portugal manifestarem limitações, numa perspetiva comparada com os outros países participantes, genericamente os novos empreendedores sentem que o programa correspondeu às suas expectativas, recomendando a sua frequência a potenciais candidatos. Os novos empreendedores referem motivações de participação no programa orientadas por uma atitude empreendedora de oportunidade mais do que de necessidade (Dornelas, 2005), sendo que os principais benefícios apontados são a melhoria do plano de negócios já existente e o incentivo à criação do próprio negócio.

Palavras chave: Erasmus, Empreendedor, Oportunidade, Necessidade, Motivações, Satisfação.

Introdução

O presente artigo¹ versa sobre o Programa Erasmus Para Jovens Empreendedores (EJE), desenvolvido sob a égide da Comissão Europeia a partir de 2009. O programa orienta-se para o desenvolvimento de empresas de pequena dimensão da União Europeia, através da interação entre novos empreendedores e empreendedores de acolhimento de diferentes países. Visa promover o espírito empresarial e apoiar novas empresas em fases cruciais do seu nascimento e

¹ Constitui uma síntese do Relatório de Estágio desenvolvido no âmbito do mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulado “Os efeitos do Programa Erasmus para Jovens Empreendedores em Portugal” da autoria de Cristina Teixeira, com orientação de Cristina Parente. Para um maior desenvolvimento v. Teixeira (2017).

crescimento. Destina-se a empreendedores de micro, pequenas e médias empresas, as quais são tidas como fatores-chave na prossecução dos objetivos da estratégia Europa 2020, dado o seu dinamismo na criação de emprego, porém afetado por fatores de fragilidade associados à escala que dificultam por exemplo a capacidade de internacionalização.

Os objetivos da investigação corresponderam a dois eixos analíticos: i) a compreensão das motivações para a adesão ao programa e das expectativas inerentes à decisão da candidatura; ii) a avaliação dos benefícios e o nível de satisfação atingido com a participação no programa pelos novos empreendedores, como são designados de acordo com a terminologia do programa. De forma a compreender a montante aspirações e a jusante os efeitos da frequência do programa foi necessária uma compreensão do mesmo na sua totalidade, quer em termos dos procedimentos expressos em vários manuais de qualidade, quer de resultados que se encontram patentes em múltiplos relatórios de execução do programa ao nível europeu. Esta pluralidade informativa não revelava, contudo, uma compreensão profunda sobre os novos empreendedores participantes, procurando esta investigação responder a este propósito nos dois eixos analíticos propostos.

O presente artigo encontra-se estruturado em 3 secções essenciais. Na primeira, aborda-se o conceito de empreendedorismo, quer do ponto de vista da sua emergência teórica, quer das características associadas ao processo e ao ator, nomeadamente em termos das motivações que impulsionam o empreendedor e as competências que lhe são associadas. Na segunda secção, retrata-se o programa EJE, em termos da sua orgânica de funcionamento e das suas características, retendo alguns aspetos particulares da participação portuguesa comparativamente com outros países. Por fim, na última parte, ensaiamos uma resposta acerca das aspirações e dos efeitos do EJE a partir dos dados obtidos junto de um conjunto de 6 novos empreendedores.

Empreendedor e empreendedorismo: conceitos

A génese do termo *empreendedor* é francesa e significa, se literalmente traduzida, segundo Hisrich “aquele que está entre ou intermediário” (Hisrich, 1986: 96, cit. in Bispo et al., s.d.: 3). Atribui-se o uso do termo a Richard Cantillon em 1755 e a Jean-Baptiste Say, em 1800 que associavam esta denominação à “capacidade dos indivíduos criarem valor” (Campos; Soeiro, 2015:39). Com o passar dos anos, este mesmo conceito foi se alterando “devido às mudanças ocorridas na área económica mundial”, tornando-o mais complexo.

Embora alguns autores, como Bispo afirmam que a ideia de “ser empreendedor” surgiu na Idade Média, dado que se tratava de um “indivíduo que participava ou administrava grandes projetos de produção”, e que ficava responsável pelas “obras arquitetónicas como castelos e fortificações, prédios públicos, abadias e catedrais (Bispo, et al., s.d.: 3), a maior exposição do termo, deve-se à obra do economista Joseph Schumpeter (1830-1950) que disseminou a ideia de “destruição criativa” para descrever o método “através do qual as formas velhas de fazer as coisas seriam substituídas por formas novas” (in Campos; Soeiro, 2015: 39). Para Schumpeter, 1952 o empreendedor é visto como “alguém inovador”, com a função de revolucionar “um método tecnológico não experimentado para produzir um novo bem ou bem antigo de maneira nova” (1952, cit. in Bispo, et al., s.d.:4).

Druker, em 1974 afirma que se trata de um indivíduo que procura a mudança como forma de oportunidade, pois possui as capacidade de encontrar soluções de acordo com os recursos que possui, adaptando os mesmos ao tempo e às atividades socioeconómicas (1974, cit.in Carvalho, 2006:3)

Desde meados do século XX o empreendedor é “associado a alguém inovador”, pois pretende recriar ou revolucionar “um método tecnológico não experimentado para produzir um novo bem ou bem antigo de maneira nova (Schumpeter, 1952:72, cit. in Bispo, et al., s.d.:4). Ao ser inovador, o empreendedor pretende transformar “um determinado setor, ramo de atividade, território”, (Martes, 2010:260 cit. in Schumpeter, 1985:49) na medida em que está a dar vida a um produto ou serviço. Outros traços caraterísticos dum empreendedor são a independência, o compromisso, persistência, entre outros (Carvalho, 2006 :2).

As caraterísticas definidoras do empreendedor tem sido ao longo do tempo mais ou menos consensuais, destacando-se entre elas: i) a propensão para o risco, visto que o negócio implica assumir quaisquer resultados, sejam lucros ou prejuízos (Drucker, 1974, cit. in Carvalho, 2006:3); ii) o gosto pela gestão, em que o empreendedor assume que “organiza e opera uma empresa para lucro pessoal (...), contribuindo com a sua própria iniciativa, habilidade e engenhosidade no planeamento, organização e administração da empresa” (Ely e Ress, 1937: 488, cit.in Bispo, et al., s.d.: 4); iii) a inovação é utilizada pelos empreendedores para transformar ideias em “ações criadas de valor económico” (Campos; Soeiro, 2016:41).

Os empreendedores são pessoas que a dada altura da sua vida decidem optar pelo trajeto do empreender. Esta ação é gerada por uma motivação. A motivação começa por ser algo positivo pois faz-nos agir por “impulso” e pode terminar quando nos sentimos “obrigados” a executar algo que é obrigatório (Simpson, 1993, cit. in Lopes, 2012:10).

Na década de 1960, D. Mc Clelland e J. Atkinson (1962) dedicaram-se ao estudo das motivações nas pessoas empreendedoras, identificando as seguintes motivações: motivação de realização; motivação de afiliação; motivação de poder; e uma junção das três motivações anteriores.

Tomando estas motivações como essenciais para um empreendedor, assim como os fatores sociodemográficos e profissionais associados ao mesmo, como a idade, o nível educativo e a experiência profissional, e a possibilidade de colmatar uma falha ou de criar algo novo, o empreendedor pode ser provocado, essencialmente, por uma questão de “necessidade” e /ou por “oportunidade”. Dornelas refere que o empreendedorismo de oportunidade surge na medida em que um novo empreendedor vê a possibilidade de criar algo, sendo que o empreendedorismo de necessidade surge de uma necessidade para colmatar uma falha ou falta de algo, por exemplo, a falta de um trabalho ou a necessidade de uma mudança de vida (2005, cit. in Bispo, *et al.*, s.d.: 5).

A falta de trabalho e o pouco investimento público são fatores que podem gerar um empreendedorismo de necessidade, sendo que em Portugal a tendência é, na sua maioria, a “necessidade em escapar à condição do desemprego” (Campos; Soeiro, 2016:128), o que resulta, por vezes, na criação de negócios de pouca rentabilidade.

Verheul et al. (2010, cit. in Sampaio, 2016:16) no mesmo sentido referem-se aos fatores pull e push nas motivações para empreender. Os fatores *pull* são associados ao desejo de obter algo, seja “independência, maiores ganhos, desenvolver competências sociais e económicas”, enquanto que os fatores *push* associam-se a receios como “ficar desempregado involuntariamente, pressão familiar, insatisfação com a sua situação geral” (*idem ibidem*).

O empreendedor é o ator da sua obra, isto é, faz as coisas acontecerem, as suas ações resultam de uma “sensibilidade para os negócios e a capacidade de identificar oportunidades” (Chiavenato, 2007, cit. in Bispo, *et al.*, s.d.:6). Pode é fazer por desejo onde incluímos a análise da oportunidade, ou por necessidade de encontrar soluções de vida viáveis. É em qualquer situação

detentor de uma capacidade de empreender ideias e torná-las reais. Por isso, o empreendedor inicia o seu projeto, desenvolvendo o plano de negócios, isto é, uma descrição pormenorizada de todos os dados e “aspetos metodológicos, operacionais e financeiros dos negócios (...) sejam internos – o que deverá ser produzido, como, onde, quanto, sejam externos, para quem produzir, qual é o mercado, quais os concorrentes” (Chiavenato, 2007, cit. in Bispo, et al., s.d.:7). Deste modo, uma das alavancas do empreendedorismo está na obtenção das oportunidades para fundamentar “uma nova forma de uso dos recursos nacionais” (Schumpeter, 1978 cit. in Carvalho, 2006:1), ou seja, um conjunto de processos que passam por uma série de etapas para transformar os recursos em “riqueza”, aceitando os riscos ou os fracassos (Shapero, 1975:187, cit. in Bispo, et al., s.d.: 4), “em termos de património, tempo e/ou com a carreira” (Ronstadt, 1984:28, cit. in Bispo, et al., s.d.:5).

O Programa Erasmus para Jovens Empreendedores: a participação portuguesa

Um relatório do Eurobarómetro Flash (2015b) mostrou que em 2012 44% dos jovens europeus, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, gostariam de criar o seu próprio negócio, mas que a falta de apoios financeiros e de competências cria uma série de dificuldades ao desenvolvimento do espírito empreendedor. Tendo em conta estas e outras questões, a Comissão Europeia, no âmbito do Plano Empreendedorismo 2020, promulgou o *Small Business Act*, em 2008, (European Commission, 2015) que se concretiza numa série de políticas que reconhecem a importância das pequenas e médias empresas para o desenvolvimento económico da União Europeia, sendo que um dos seus princípios é “criar um ambiente em que os empresários possam prosperar e o empreendedorismo é recompensado” (Comissão Europeia, 2015).

Neste âmbito, a Comissão Europeia, como forma de potenciar o empreendedorismo, desenvolveu em 2008 o projeto-piloto Erasmus para Jovens Empreendedores (EJE), um programa transfronteiriço com o intuito de apoiar o intercâmbio dos novos, e possíveis, empreendedores a adquirir as competências necessárias para poderem criar e desenvolver a sua própria empresa, através de um processo de intercâmbio (exchange) com outro empresário bem-sucedido noutra país (o empresário/empreendedor de acolhimento), associado a uma estadia que pode durar entre 1 a 6 meses, A figura 1 sintetiza esquematicamente o funcionamento do intercâmbio do EJE.

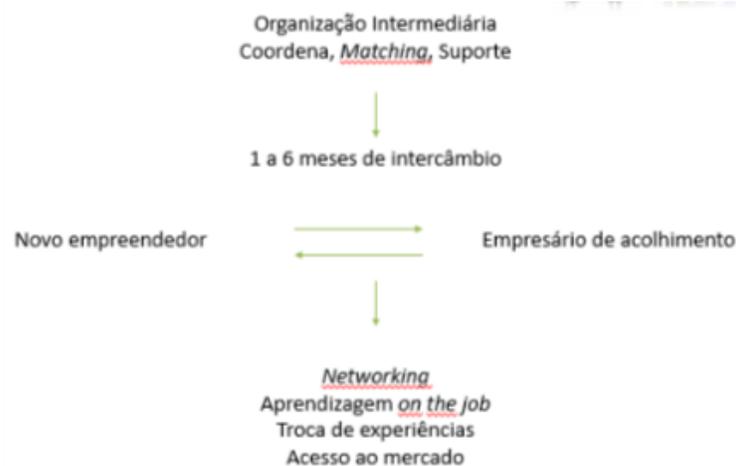


Figura 1 - Funcionamento do intercâmbio do Programa EJE

O programa, na sua configuração atual, iniciou-se em 2009 com uma série de convites feitos a organizações intermediárias de diversos países, para gerirem o programa nos seus respetivos territórios. Desde então o programa foi implementado, sendo que, até 2015, alcançou resultados na ordem dos 1600 intercâmbios, nos quais se registaram grandes taxas de satisfação, entre novos empreendedores e empresários de acolhimento². Os objetivos da estadia do novo empreendedor na empresa de acolhimento são os seguintes: proporcionar formação *on the job* a novos empreendedores de forma a facilitar o começo e desenvolvimento dos seus projetos de negócio; promover a troca de experiências e de informações entre os empresários sobre todos os obstáculos e processos que passaram; facilitar o acesso ao mercado e incentivar a contactar potenciais parceiros para os seus projetos noutros países da União Europeia.

Com isto, o programa prevê um conjunto de benefícios gerais e específicos expostos na tabela 1.

² Cf. European Parliamentary Research Service Blog. (2017). [Consult. a 09.01.2017]. Disponível em: < <https://epthinktank.eu/2014/03/22/young-entrepreneurs/> >

Tabela 1 - Benefícios do Programa EJE

Benefícios Gerais do Programa EJE	Benefícios Específicos para os novos empreendedores
<ul style="list-style-type: none"> • Reforçar atitudes empresariais, desde conhecimentos a competências, entre elas a resiliência dos empresários/empreendedores; • Aumentar o número de <i>start-ups</i>; • Promover a troca de ideias, contactos e cooperação entre pequenas empresas; • Ajudar as pequenas empresas a fazer contactos, inovar e a internacionalizar-se, assim como a possibilidade de criar empregos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Construir capacidades para gerir uma pequena empresa; • Obter competências e conhecimentos relevantes; • Obter uma experiência prática e contactos essenciais.

Fonte: Eurochambres (2017)

Os indivíduos elegíveis para este programa são potenciais novos empreendedores, com idade igual, ou superior a 18 anos, que possuam um plano de negócios credível, ou que começaram o seu negócio nos últimos três anos. O candidato, para além de ter a sua estadia, parcialmente financiada pela União Europeia, não tem restrições nos setores de trabalho que deseja trabalhar.

A candidatura ao programa exige dos novos empreendedores os seguintes requisitos:

- Ter iniciado o seu próprio negócio nos últimos 3 anos ou planear iniciar um negócio, com base num plano de negócio viável, o que implica em qualquer dos casos ter uma ideia concreta de projeto ou negócio, refletida num plano de negócio;
- Ter residência permanente num dos países participantes no programa;
- Estar motivado e empenhar-se durante o seu intercâmbio com um empreendedor experiente de outro país participante.

Por sua vez, para se ser empreendedor de acolhimento os requisitos são:

- Ter residência permanente num dos países participantes no programa;
- Ser proprietário – gestor de uma pequena ou média empresa ou estar diretamente envolvido num Conselho de Administração de uma pequena ou média empresa;

- Ser gestor de uma empresa há mais de 3 anos;
- Pretender partilhar o seu conhecimento e experiência com um novo empreendedor e atuar como mentor.

Fazendo uma análise a alguns dos resultados obtidos pelo Programa EJE a partir dos relatórios de execução, verificamos que o Relatório Janeiro 2017 destaca a Itália como o país com mais novos empreendedores a participar no programa até à data, com um total 1108 novos empreendedores, enquanto que Portugal se encontra-se em 11º lugar, com 106 novos empreendedores. A nível do país de preferência para a realização do intercâmbio, Portugal encontra-se em 11º lugar, em relação a países como Reino Unido, Espanha, Alemanha, Itália e a Bélgica que ocupam lugares cimeiros. O território português ocupava ainda o 9º lugar a nível das candidaturas ao programa, com um total de 172 candidaturas, o que indica que Portugal se encontra num patamar de grande adesão, tendo em conta o total de 37 países que estão a participar no programa.

Metodologia

De modo a responder aos objetivos a que nos propussemos, optamos por uma estratégia de pesquisa exploratória e descritiva, assente numa abordagem pós positivista (Creswell, 2003).

A análise documental de fontes secundárias produzidas no âmbito da Comissão Europeia foi uma técnica de recolha e análise da informação fundamental para o entendimento do programa e das particularidades da participação portuguesa³.

Na definição da população alvo de análise, tivemos em consideração todas as organizações intermediárias que em Portugal participavam no programa, em toda a região do Continente Português, incluindo a Região Autónoma da Madeira. O número de novos empresários que tinham participado no programa totalizava de 89 indivíduos até meados de 2017. Com a colaboração de um conjunto de organizações intermediárias que geriram o EJE, nomeadamente a ANJE, a ESLIDER, a BIC_Madeira e a Startup X, foi feita a divulgação do inquérito por questionário *on line* aos 89 novos empreendedores de modo a apurar as motivações que os levaram a participarem no programa, como também avaliar os níveis de satisfação após realizado o intercâmbio.

³ Para mais informações sobre o programa v. Teixeira (2017:74-75).

A baixa taxa de respostas ao *inquérito on line* esteve na origem de realização de entrevistas semiestruturadas a 6 novos empresários que lhe responderam com o objetivo de aprofundar a compreensão das questões de partida. De modo a salvaguardar o anonimato dos 6 entrevistados sobre os quais o estudo incidiu foram usados nomes fictícios.

2. Avaliação do EJE pelos novos empreendedores portugueses

Perfil sociodemográfico e escolar dos novos empreendedores

A população em análise distribui-se equitativamente pelo sexo feminino e masculino, sendo maioritariamente solteiros, com idades compreendidas entre os 26-35 anos, a viver na região Norte do país (tabela 2).

Tabela 2. Caracterização sociodemográfica da população

	Ni
Sexo	
Masculino	3
Feminino	3
Total	6
Estado Civil	
Solteiro	4
Casado/ União de facto	2
Divorciado/separado	0
Viúvo	0
Total	6
Idade	
Até 25 anos	1
26 a 35 anos	4
36 a 45 anos	1
46 a 55 anos	0
Mais de 55 anos	0
Total	6
Região de residência	
Norte	3
Centro	2
Sul	0
Ilhas	1
Total	6

Fonte: inquérito e entrevistas

As motivações e resultados da experiência de intercâmbio

A análise das motivações que levaram à candidatura ao EJE destaca a possibilidade de inspiração e de aprendizagem que o programa representou para os novos empreendedores como nos revelam as opções pela “troca de ideias de negócio e novas ideias”, a “possibilidade de aprendizagem com um empresário experiente” e a “oportunidade de formação *on the job* (tabela 3). Trata-se de usar o intercâmbio EJE como um meio de formação, o que contrasta com a possibilidade mais imediatista de responder com o programa ao “desejo de ter um negócio próprio”, de “ser um desafio” ou de “ter uma experiência internacional” que são opções que assumem alguma relevância no conto das motivações para a candidatura e que podem ser entendidas como um fim em si mesmo e, portanto, como uma motivação de carácter mais utilitarista e materialista, usando a classificação de Inglenhart (1990).

Tabela 3 - Motivações para participar no EJE

Motivações da participação no EJE	Nº
Por ser um desafio	2
Ter um negócio próprio	3
Ter uma experiência a nível internacional	2
Troca de ideias de negócio e novas ideias	6
Possibilidade de aprendizagem com um empresário experiente	3
Oportunidade de formação <i>on the job</i>	1
Facilidade ou possibilidade de usar os relacionamentos e as influências dos contactos feitos	1
Total de respostas^a	18

a) Trata-se de uma resposta de escolha múltipla, os inquiridos podiam escolher no máximo duas opções.
Fonte: Inquérito

Os dois depoimentos são ilustrativos do entendimento do EJE como meio de formação, sendo que se a Cecília Abrantes revela uma motivação mais expressiva de partilha e a Custódia Pereira demonstra uma motivação mais utilitarista vocacionada para a prática do negócio.

“(…), para alargar a minha rede de contactos, ter oportunidade de trabalhar, ou seja, dar e receber de algum empreendedor que estivesse na altura na Alemanha,

(...) mas sim principalmente a troca de contactos, e expandir o meu networking, foi a minha principal razão.” (Cecília Abrantes, 29 anos, Porto).

“(...) para testar as ideias que eu tinha e para perceber, (...) se o plano estava bem estruturado, (...) ter alguma experiência prática na área, (...) se podia pegar em algumas coisas que se fazem noutra país e trazer para cá (...) e perceber também o que é que não resulta, e tentar não o fazer ou tentar fazer de outra forma.” (Custódia Pereira, 29 anos, Coimbra).

Compreende-se igualmente da análise das motivações que parece não existir qualquer tendência para uma motivação de necessidade, ou seja, para o entendimento do intercâmbio como uma situação de recurso no sentido de constituir uma alternativa profissional por exemplo ao desemprego ou à precarização.

A análise dos benefícios que o programa proporcionou aos novos empreendedores portugueses aponta para uma preponderância de efeitos materialistas e finalistas que vão de encontro aos objetivos que estiveram na origem da criação do programa. É significativo o facto de o programa estar diretamente associado para uns à criação do negócio e para outros à melhoria do mesmo (tabela 4).

Tabela 4 – Benefícios da participação no EJE

Benefícios da experiência	Nº
Melhorei o meu plano de negócio	3
Criei o meu próprio negócio em Portugal	3
Fiz parceria com o empresário de acolhimento	1
Explorei outras oportunidades	1
Total de respostas^a	8

a) Trata-se de uma resposta de escolha múltipla em que os inquiridos podiam escolher no máximo duas opções. Apenas 2 indivíduos escolheram 2 opções, sendo que 4 assinalaram apenas uma.

Fonte: Inquérito

De qualquer forma, 4 entrevistados referem que “aprendizagem/experiência” foi o maior benefício retirado do programa, seguido pelo “networking” (3 entrevistados) e de “aprender uma língua e cultura nova” (2 entrevistados). Emerge desta análise a importância que se revestem os efeitos formativos ao nível do capital cultural, que tinham sido apontados já como motivações fortes para a candidatura ao programa. Igualmente salientam a importância do programa para a criação de uma rede de contactos que fortalece o capital social dos novos empreendedores, ainda que, como vimos, este resultados não tivesse sido enumerado enquanto uma motivação forte para aderirem ao intercâmbio.

“aprendi uma língua nova, conheci uma nova cultura, e isso é sempre muito bom para abirmos a mente, e percebermos outras formas de trabalhar, de como ver a vida, e isso é sempre que nem seja a viajar dá para aprender. Depois, a nível profissional, fiz bastante networking, conheci muita gente, muita gente interessante, contadores de histórias, ilustradores, escritores, livreiros, que eu acho que podem ser uma mais valia, no futuro, para consolidar o negócio, para fazer outras coisas a nível europeu, pode ser muito interessante (...) Para além de toda a experiência, que eu já falei, eu acho que uma das coisas, que é muito importante, é a prática.”
(Custódia Pereira, 29, Coimbra)

A experiência do programa parece ser francamente positiva quando analisamos os níveis de satisfação dos participantes que o classificam maioritariamente como “excelente, muito bom e bom”(tabela 5).

Tabela 5 - Satisfação da participação dos inquiridos

Indicadores de satisfação	Excelente	Muito Bom e Bom	Suficiente	Mau	Total
Aquisição de conhecimentos úteis para a criação de empresas	3	2	1	0	6
Aquisição de conhecimento sobre como gerir uma empresa	1	5	0	0	6
Ampliação da sua rede de contactos	2	4	0	0	6
Aquisição de conhecimento sobre o mercado estrangeiro	2	4	0	0	6
Aquisição de conhecimento sobre novas oportunidades de negócio	2	4	0	0	6
Aquisição de conhecimento sobre cultura organizacional e ambiente de trabalho	3	3	0	0	6
Melhoramento da competência em língua estrangeira	2	2	2	0	6
Aquisição de novas habilidades e ideias	2	4	0	0	6

Fonte: Inquérito

Reflexões finais

As limitações que revestem este estudo, nomeadamente em termos do população analisada, não permitem avançar com qualquer tipo de conclusão, mas apenas enunciar algumas tendências que em futuros estudos poderão ser inspiradoras de novas análises.

O novo empreendedor português que participa no programa EJE parece ser motivado pela oportunidade que tal representa em termos da sua aprendizagem e formação, o que corresponde a um dos objetivos específicos do programa, a saber: obtenção de competências e conhecimentos relevantes para a criação ou desenvolvimento do negócio.

Os resultados da participação portuguesa no programa apontam para um empreendedorismo de oportunidade, concretizado na criação do seu próprio negócio ou melhoria do plano de negócio existente e, por isso, parece responder à missão do EJE de promover o espírito empresarial na Europa e apoiar novas empresas em fases cruciais do seu nascimento e crescimento.

Os níveis de satisfação manifestos são francamente positivos de tal forma que todos os participantes afirmam recomendar a frequência do EJE a possíveis novos empresários.

Tudo parece indicar que o programa EJE pode ser perspectivado como um contributo importante para o empreendedorismo em Portugal, carecendo de um efetivo e sério balanço dos resultados que o Programa gerou nos 5 anos de participação nacional.

Bibliografia

- Barros, Cristina (2015). *Existe um grande potencial empreendedor em Portugal, mas é preciso quebrar tabus*. Amway. [acedido a 26. agos. 2017]. Disponível em: <http://inforh.pt/monica-milone-da-amway-existe-um-grande-potencial-empreendedor-em-portugal-mas-e-preciso-quebrar-tabus/>
- Bispo, Cláudio., et al. (s.d.). Empreendedorismo e Inovação. IBES. [acedido a 6 jan. 2017]. Disponível em: http://www.ibes.edu.br/aluno/arquivos/artigo_empreendedorismo_inovacao.pdf
- Campos, Adriano; SOEIRO, José (2016). *A falácia do empreendedorismo*. Bertrand Editora, ISBN: 9789722532228. [acedido a 6 jul. 2017].
- Carvalho, Zita (2006). *O Perfil Empreendedor – Motivações e Competências Pessoais*. Cadernos d'inducar. [acedido a 27. agos. 2017]. Disponível em: <http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/oPerfilEmpreendedor.pdf>
- Chiavenato, Idalberto (2007). *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas*. 2.ed. rev. e atualizada. São Paulo, Saraiva.
- Comissão Europeia (2008). *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões – Think Small First, Um Small Business Act para a Europa*. Bruxelas. [acedido a 03. jun. 2017]. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/legalcontent/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52008DC0394&from=PT>
- Comissão Europeia (2010). *Comunicação da Comissão – Europa 2020, Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo*. Bruxelas. [acedido a 03.jun. 2017]. Disponível em: http://www.pocicompete2020.pt/admin/fileman/Uploads/Documents/Estrategia_europa2020.pdf
- Comissão Europeia (2012a). *Communication from the Commission to the European Parliament, The Council, The European Economic and Social Committee and The Committee of the Regions – Entrepreneurship 2020 Action Plan, Reigniting the entrepreneurial spirit in Europe*. Bruxelas. [acedido a 03. jun. 2017]. Disponível em: <https://ec.europa.eu/transparency/regdoc/rep/1/2012/EN/1-2012-795-EN-F1-1.Pdf>
- Comissão Europeia (2012b). *Report Flash Eubarometer 354*. Bruxelas. [acedido a 03. jun. 2017]. Disponível em: http://ec.europa.eu/commfrontoffice/publicopinion/flash/fl_354_en.pdf
- Comissão Europeia (2013). *União da inovação-guia de bolso sobre uma iniciativa da “Europa 2020”*, Luxemburgo, ISBN 978-92-79-28667-4.
- Creswell, John H. (2003). *Research Design – Qualitative, Quantitative and mixed methods approaches*. 4ªed. California – Sage Publications. ISBN 978-1-522-7461-4.
- Drucker, Peter Ferdinand., MACIARIELLO Joseph A. (1999). *Management*. Editor Harper Collins e-books. ISBN 978-0-06-168687-010987654321. [acedido a 09 jan. 2017]. Disponível em: <http://youth-portal.com/wp-content/uploads/2014/10/Peter-FDrucker-Management-Rev-Ed.pdf>
- Drucker, Peter Ferdinand (2002). *Innovation and Entrepreneurship – Practice and Principles*. 1ª. Ed. HarperCollins. ISBN 0060546743. [acedido a 11 jan. 2017]. Disponível em: http://www.untagsmd.ac.id/files/Perpustakaan_Digital_1/ENTREPRENEURSHIP%20Innovation%20and%20entrepreneurship.PDF

- Eurochambres (2010). Erasmus for Young Entrepreneurs Survey on Promotional Tools – Report on the Results. European Commission. [acedido a 02. setem. 2017]. Disponível em: http://www.eurochambres.eu/objects/3/Files/EUROCHAMBRES_Activity_Report_2010-2011.pdf
- Eurochambres (2015). 5 anos de Programa Erasmus para Jovens Empreendedores. [acedido a 2 jan. 2017]. Disponível em: Ref. Ares(2015)2782867 - 02/07/2015.
- Eurochambres (2017). Facts April 2017. The European Entrepreneur Exchange Programme. Bruxelas. [acedido a 03 maio 2017]. Disponível em: https://www.erasmusentrepreneurs.eu/press/erasmus-for-you_21932582_b2921a402f76895ffa6f84837b807b8cba146384_59031551ecf72.pdf
- Eurochambres (2017). Erasmus for Young Entrepreneurs – Programme Guide. European Commission. Bruxelas. [acedido a 20 jan. 2017]. Disponível em: <http://www.erasmus-entrepreneurs.eu/upload/Programme%20Guide%20EN.pdf>
- European Commission (2012). Entrepreneurship determinants: culture and capabilities. Luxemburgo. Eurostat statistical books. ISBN: 978-92-79-25308-9. [acedido a 25. agos. 2017]. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/3217494/5748437/KS-31-12-758-EN.PDF>
- European Commission (2015a). Erasmus For Young Entrepreneurs Implementation, Manual for Intermediary Organizations (Quality Manual). Bruxelas. [acedido a 2 jan. 2017]. Disponível em: <http://ec.europa.eu/easme/sites/easmesite/files/documents/Quality%20Manual.pdf>
- European Commission (2015b). User’s Guide, The European Entrepreneur Exchange Programme. Bruxelas. [acedido a 2 jan. 2017]. Disponível em: <http://www.erasmus-entrepreneurs.eu/upload/Programme%20Guide%20EN.pdf>
- European Commission (2015). Interim Evaluation of the Erasmus for Young Entrepreneurs – Pilot Project / Preparatory Action – Final Report. Bruxelas. [acedido a 01. jun. 2017]. Disponível em: Ref. Ares(2015)2104552 - 20/05/2015
- Iapmei (2016). Guia Explicativo para a Criação do Plano de Negócios e do seu Modelo Financeiro – Como elaborar um Plano de negócios. [acedido a 03 agos. 2017]. Disponível em: <https://www.iapmei.pt/PRODUTOS-ESERVICOS/Empreendedorismo-Inovacao/Empreendedorismo/DocumentosFinanciamento/ComoElaborarPlanodeNegocioGuiaExplicativo.aspx>
- Iapmei (2016). Guia Prático Do Empreendedor. [acedido a 03 agos. 2017]. Disponível em: https://www.iapmei.pt/PRODUTOS-ESERVICOS/Empreendedorismo-Inovacao/Empreendedorismo/DocumentosFinanciamento/Guia_Pratico_Empreendedor_Agosto-2016.aspx
- Iapmei (2016). Manual do Empreendedor. [acedido a 03 agos. 2017]. Disponível em: <https://www.iapmei.pt/PRODUTOS-ESERVICOS/EmpreendedorismoInovacao/Empreendedorismo/DocumentosFinanciamento/ManualdoEmpreendedor.aspx>
- Inglehart, R. (1990). Culture shift in advanced industrial society. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Lopes, Cátia (2012). Os Fatores Motivacionais dos Trabalhadores da Administração Local: estudo de caso de uma Autarquia. Dissertação de Mestrado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos. Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal. [acedido a 11 jan. 2017]. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41111/1/Tese%20M.%20Os%20Fatores%20Motivacionais%20dos%20Trab%20da%20ALocal_VFinal.pdf
- Martes, Ana Cristina. (2010). Weber e Schumpeter – A ação económica do empreendedor. Revista de Economia Política, vol. 30, nº2 (118), pp. 254-270. [acedido a 03 jul. 2017]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v30n2/05.pdf>
- Parente, Cristina. (coord.) (2014). Empreendedorismo Social em Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. ISBN: 978-989-8648-16-7. [acedido a 02 maio 2017]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12398.pdf>

Rodrigues, Sofia (2008). Manual Técnico do Formando: “Empreendedorismo”. ANJE e EduWeb. [acedido a 12 jan. 2017]. Disponível em: <http://www.anje.pt/system/files/items/73/original/Empreendedorismo-v10-final.pdf>

Sampaio, Fábio (2016). Uma visão dos empreendedores por necessidade – Caso do PAECPE. Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. [acedido a 12 jan. 2017]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/32484/1/Relat%C3%B3rio%20F%C3%A1bio%20Sampaio.pdf>

Seabra, Maura (2013). Percursos empreendedores em tempos de crise: Comportamentos e Motivações. Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo. Universidade de Trás – os – Montes e Alto Douro. Vila Real. [acedido a 10 jan. 2017]. Disponível em: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/5439/1/msc_msmseabra.pdf

Schumpeter, Joseph (1985). O Fenómeno Fundamental do Desenvolvimento Económico. A Teoria do Desenvolvimento Económico. Rio de Janeiro: Nova Cultural.

Schumpeter, Joseph (1947). Can capitalism survive?, Paperback. ISBN: 978-0-06192801-7.

Teixeira, Cristina (2017). Os efeitos do Programa Erasmus Para Jovens Empreendedores em Portugal. Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.